



FERRÉZ

**“A literatura melhora a postura,
o jeito de você falar com as pessoas,
os conselhos que dá ou recebe,
a maneira de criar os filhos”**

Ferréz é um dos escritores mais conhecidos da chamada literatura marginal, termo com que ele denomina as produções literárias que provêm majoritariamente da periferia de São Paulo. Sua obra se compõe de crônicas, ficção, poesia e composições de hip hop.

Seus romances *Capão pecado* (2000) e *Manual prático do ódio* (2003) atraíram muita atenção por retratarem as comunidades carentes e a violência sofrida por quem nelas vive. O próximo romance se chamará *Deus foi almoçar* e não tem nada a ver com a periferia, conforme ele explica na entrevista.

Ferréz foi colunista da *Caros Amigos* durante dez anos, tendo parado de colaborar com a revista em setembro último. Com a Editora Literatura Marginal, está lançando livros de bolso por meio do Selo Povo. Ativista social, fundou uma marca de roupa, a 1daSul, cujo lema é: “Somos todos um pela dignidade da Zona Sul”.

Marcamos a conversa na 1daSul do Capão Redondo para as 18h. Ferréz apareceu em companhia do grupo de rap Negro e, durante o papo, recebeu uma ligação do senador Eduardo Suplicy, com quem tratou de um problema que ameaçava a realização de uma festa tradicional de hip hop. Também atendeu clientes da loja, combinou por telefone de dar uma palestra numa escola pública e encaminhou soluções para algumas dificuldades da comunidade.

Mesmo assim, conseguiu discorrer com profundidade sobre temas tão variados quanto trajetória literária, ficção brasileira contemporânea, edição, estética e ativismo.

Ingrid Hapke*

São treze anos de trajetória literária. Como resumiria esse caminho?

Bem, é uma responsabilidade. A gente foi pegando aos poucos e nunca pensei que seria uma responsabilidade tão grande, porque as pessoas estão sempre esperando o seu próximo livro, esperando o próximo sarau ou o movimento que você vai fazer. Quando você vai falar num lugar público, as pessoas param para prestar atenção. São treze anos, então a gente conseguiu plantar um respeito, e manter esse respeito não é fácil, não. O mais difícil é que muita gente conta com você e, como nem sempre você pode ajudar todo mundo ou estar junto com todo mundo, acaba plantando decepções também. As pessoas às vezes não entendem que você tem filho, um casamento para manter, contas para pagar. Muitas vezes a literatura é ingrata na forma financeira. Então a gente tem de trabalhar muito para se manter. Assim que nem estou fazendo aqui. Já dei dezenas de entrevistas trabalhando. Quando a loja em Santo Amaro estava aberta, eu dava entrevista para a MTV, com microfone aqui, parava, atendia alguém, voltava, sabe? Tem uma hora que dá até desgosto, porque quero escrever um texto e não tenho tempo. Mas também faz parte da vida. É que nem nós com essa mistura de rua e tal: acho que isso é que dá a força

* Doutoranda em Letras na Universidade de Hamburgo (Alemanha), pesquisou a literatura periférica de São Paulo, sobre a qual atualmente elabora sua tese.

da literatura também. Afinal, é uma literatura engajada, não é uma literatura sozinho, no quarto, só.

Aproveitando a menção ao engajamento, como você define a literatura marginal? A Bruna Surfistinha faz parte dela?

Ela falou isso?

Não, mas no livro Ficção brasileira contemporânea, o autor, um professor da PUC-Rio chamado Karl Erik Schøllhammer, disse algo assim.

Que a literatura dela tem a ver com a minha?

Não exatamente. Mas tem um capítulo intitulado “Literatura marginal” em que o cara nomeia você, o Luiz Alberto Mendes e a Bruna Surfistinha quase ao mesmo tempo.

Bem, com a literatura é assim: quando escrevo crônicas e tal, ponho bem um lado meu. Mas, quando escrevo romance, é romance, entendeu? Crio personagem, embora pareça realidade, é ficção. Não faço depoimento, que nem muita gente faz, pelo menos por enquanto não fiz. Então faço crônica ou romance. Mas não sei avaliar que nem eles avaliam, não posso julgar, só escrevo, quem julga são os outros. Agora, o termo ninguém queria na época, a pessoa era xingada de literatura marginal: “Ah, aquele cara lê literatura marginal, vende na rua, escreve algumas coisas sobre a polícia”. Naquela época me identifiquei com o nome e pensei: meu, vou pegar esse nome para trabalhar e dizer que sou literatura marginal. Muitos autores não quiseram, até saíram da revista e falaram que não eram literatura

marginal. Respeito também. Cada um é cada um. Mas é um nome a que a gente se apegou para ser alguma coisa também, porque não éramos nem contemporâneos, nem geração noventa, nada disso, e a gente queria ser alguma coisa. Então a gente pegou a ideia do nome, a gente fez e – puta! – virou camiseta, virou gíria aqui na quebrada, agora até tem um sarau com esse nome. Então acabou virando todo mundo. A ideia era essa, que a literatura se popularizasse. E acho que a literatura marginal foi o primeiro passo para isso. Para todo mundo poder dizer: “Eu tenho a ver, passei pela Febem, sou marginal”, e depois aprende o que é literatura. Então foi um primeiro choque, assim, para a pessoa entender que estamos aqui.

Literatura para você é política?

Para mim, é. Para mim é uma forma de política, uma forma de eu chegar e falar daquilo que está errado. Agora estou escrevendo um texto chamado “Tumulto”, sobre a bagunça do trânsito e, ao mesmo tempo, quero mostrar que toda essa bagunça gera alguma coisa. E esse caldo cultural que essa bagunça gera é o que escrevo. Então acho que todo texto que escrevo sempre tem uma mensagem. Não quero ser moralista, escrevo para mostrar alguma coisa, para provocar alguma coisa, nem que seja um sorriso, que sejam lágrimas, que seja algum sentimento.

Voltando aos treze anos de trajetória. Você é um dos poucos autores da periferia que está sendo lido em todas as classes sociais e também foi traduzido para seis ou sete países. Como explica que sua literatura consiga estabelecer essas pontes?

Quando a literatura que faço foi para outros países, desmistificou aquela coisa de que as pessoas compram o meu livro por causa da minha

história. Porque lá fora ninguém sabia a minha história. Compravam o livro pelo livro. Se o livro não for bom, não vende. Então passei isso e, para mim, como profissional, foi bom.

[O celular toca, Ferréz me pede um minutinho e atende: “Oi, senador. Oi, Suplicy, tudo bem? (...) É uma festa tradicional da periferia, 100% Favela, com Mano Brown, Ice Blue, Negredo, entre outros, que ameaça ser proibida justamente no décimo aniversário dela”.]

Na verdade, faço literatura do jeito que acho que os moleques vão compreender, escolho um tema legal, geralmente...

[Interrompe para atender um cliente.]

Geralmente penso só no texto, não no que as outras pessoas vão entender, se vão compreender ou não. Penso assim: o assunto tem de sair de mim, e tem de sair de uma forma sincera. Como esse assunto sai, como, para passar a mensagem, primeira pessoa, terceira pessoa, qual linguagem que vou usar para afetar mais...

[É interrompido por um amigo.]

Por isso que a minha literatura é fragmentada [risos]. Tá vendo? Sempre se tem de resolver os problemas de um, depois vem outro, não tem como não ser.

[Atende um cliente.]

Não, não tem como não ser.

Fragmentada?

Por isso é que é fragmentada. A verdade é essa, não dá para parar. Tem gente que para para fazer literatura. Não consigo.

[Atende o cliente e o amigo.]

Normalmente o fenômeno da literatura marginal é estudado por antropólogos. E, quando a crítica literária se ocupa da produção da periferia, quase sempre constata “a ausência de qualidade literária”. O que acha disso?

Eu acho que em alguns casos é verdade, falta qualidade literária. Tanto que, para pegar as pessoas para o Selo Povo, tenho de tomar muito cuidado, porque às vezes não tem qualidade mesmo. Não é uma crítica à toa. Mas não tem qualidade em várias outras literaturas também. É claro que vão associar periferia com pobre, falta de qualidade, já fazem isso faz tempo. Mas tenho textos meus usados em vários livros de escola, já ganhei prêmios como o da APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), para melhor revista. Para mim, qualidade é que as pessoas estão lendo, a pessoa na rua está falando o texto, comentando, não é uma coisa parada, morta. O texto mais abstrato, mais rabiscado, mais bem escrito, pode ser chato, não tem fluência. Então antes um Paulo Coelho na mão do que um, não quero comparar, bem, do que um Eça de Queirós, que ninguém lê. Depois a pessoa vai lendo mais, vai melhorando... Mas acho que a literatura marginal subiu muito em qualidade: os versos, os poetas, a prosa também. E – como em tudo – também tem coisa ruim. Como toda literatura. Não é só porque é da periferia que é bom, tem muita coisa da periferia que é ruim. Mas tem coisa boa e a coisa boa é vitória. E até a coisa ruim é vitória. Por quê?

Até um texto mal escrito é vitória, porque é *escrito*. Era para o cara ser analfabeto, era para não saber escrever, era para ser problema de polícia. E o cara está escrevendo mal, mas está escrevendo – então escrever bem é ainda mais vitória.

A que se deve essa subida de qualidade?

Ah, não sei. Sempre me preparei. Sempre me preparo mais. Por exemplo, passei de 2000 a 2003 estudando para fazer um livro melhor. Além de estar vivendo na rua, convivendo com o crime, estava em casa lendo Dostoievski, Hermann Hesse, para fazer uma literatura mais aprimorada. Depois do *Manual*, tem seis anos que estou fazendo um livro novo, quer dizer, tem seis anos que estou aí no laboratório, estudando.

Voltando para a diferença entre literatura boa e ruim. Você já disse que literatura boa é aquela que se fala na rua...

Literatura ruim é a que não se entende, que não dá acesso, que nem no dicionário se acha a palavra, que trava, literatura chata, explicativa demais. Que quando você lê não vai a lugar nenhum, dorme no meio do livro. Essa é literatura ruim para mim. Literatura boa faz vida, emoção, provoca. Literatura boa faz isso para mim. E já falei: tem autor da periferia que é ruim, como tem autor da elite que é ruim, mas também tem muita coisa boa nos dois. Poder aquisitivo não garante qualidade.

Mas a visão do que seja bom ou ruim, a questão do gosto...

Aí está. Por exemplo: você escreve com gíria e eles, falando que é literatura ruim, estão errados, porque na periferia a gíria já é uma

linguagem, um dialeto. Então, na forma da gente escrever muitas vezes o narrador é culto, tem que ser culto, mas a personagem, não, fala cru. Assim como o Jorge Amado criou as personagens falando em baianês, eu as crio falando em favelês. Isso tem que ser respeitado. O lado de lá tem que aprender a entender o lado de cá, que faz dessa forma de propósito. A gente sabe o que está fazendo quando escreve “qual que é”, “nem não”, quando escreve junto. A gente sabe o que faz, faz de propósito.

Às vezes você diz que não é autor, e sim datilógrafo. Por quê?

Porque é assim: já falaram tanto que não escrevo bem que digo: “Sou datilógrafo, só”. Porque, na verdade, não tenho escola nenhuma, o único diploma que tenho na vida é de datilógrafo. Por isso falo que sou datilógrafo do gueto.

Pensei que também tinha a ver com a relação que você e sua escrita mantêm com a realidade: você “realmente” escrevendo, dando testemunho.

Ah, nunca pensei isso, mas pode ser também. Datilógrafo da realidade. Só que invento muita coisa, por isso também a marca de roupa. Sou inventivo, não tem jeito.

Até agora você escreveu principalmente sobre a periferia, mas, numa entrevista que deu no ano passado para a Caros Amigos, falou que não quer mais escrever sobre a favela para a elite não entender o que ela é. Por quê?

Porque é assim: já moro dentro do tema, sou o tema, respiro o tema, os amigos são o tema, então não preciso escrever mais sobre isso. A outra

coisa é que fiquei meio de saco cheio, depois de ter escrito tanto. Agora escrevo um romance, *Deus foi almoçar*, que é ficção total, é outra coisa. Claro que tem muita divergência, muita contundência, mas não tem periferia, não tem favela.

Não estou abandonando o tema, simplesmente quis fazer outra coisa. Acima de tudo sou escritor, sabe, não sou só escritor periférico. Posso escrever sobre qualquer tema, posso escrever um conto sobre os Estados Unidos, posso fazer história em quadrinhos. Nosso tema está ligado a muito sofrimento. Falar de nós, falar de luta na periferia está ligado a muito sofrimento. Não é fácil tocar nisso.

Mas aquilo de a elite não entender o que a favela é...

Também teve uma hora que fiquei com raiva, porque a elite está sabendo das coisas mas não escreve. Eles não vêm ver a realidade, não ajudam, não interferem. Então também chega uma hora que é melhor calar a boca. Se você pega o *Manual prático do ódio*, ele fala de uma periferia que já não existe, essa periferia mudou, muita coisa aí mudou. Então tem outras regras, outra postura e outras loucuras. Então pensei: vou ficar fazendo um paralelo disso, anos e anos depois? Não, vou fazer outra coisa. Uma ficção científica com romance psicológico, tudo misturado. Mas não vou abandonar inteiramente a periferia. Não! Na verdade, morar aqui já é pesado demais. Você está vivendo aqui, o assunto te pega e regurgita em seu trabalho.

Depois de seu conto “Pensamentos de um correria”, em resposta ao “desabafo” de Luciano Huck na Folha de S. Paulo sobre o roubo de seu rolex, você foi acusado de fazer apologia ao crime, o que te fez passar de autor de ficção a autor de crime. A que se deve isso?

O Máximo Gorki foi perseguido na Rússia. O próprio Hermann Hesse foi expulso da Alemanha porque não quis participar da guerra do Hitler. Se a gente pensa nisso tudo, vê que é normal. Quem fica do lado do povo acaba punido. E quem é contra o povo é promovido. O texto do Luciano Huck também é uma apologia ao crime: ele queria que o Capitão Nascimento realmente existisse, porque é um justiceiro, mata bandido, no caso, mata ser humano independente do que seja. O Luciano Huck também fez uma apologia, mas quem foi julgado fui eu. Me deu uma raiva muito grande depois de publicar esse texto, porque é muita hipocrisia, sabe. As pessoas condenando o texto. Me deu tanta raiva que falei: então vamos ver, vamos deixar a realidade funcionar, não vou falar mais nada e vamos ver o que acontece.

A reação contrária a seu texto também poderia ser explicada pela mistura de “vozes”? Como o texto saiu no jornal e na internet, é possível que as pessoas o tenham enquadrado mais como opinião do que ficção?

Na verdade, aquele texto ia ser publicado na *Folha* mas não no caderno “Opinião”, porque é um texto de ficção, né. Se chama “Pensamentos de um correria” porque traz pensamentos de uma pessoa que corre pelo crime. Eu não quis fazer apologia nem nada, só mostrar o outro lado da situação. Mas as pessoas não estão preparadas para ver o outro lado, cada um só quer ver o seu. Quem não vive essa realidade não sabe como que é.

Não achei que ia ser publicado no “Opinião”, mas o jornal publica onde quer. Agora, não me arrependo de nem uma vírgula, colocaria tudo de novo. Não sou eu quem está errado, e sim o país, que é hipócrita. Mas também foi bom, porque mostrou a luta de classes. O país é muito acomodado e a alegria no Brasil é falsa: ninguém está alegre, ninguém está feliz.

Você acha que a internet ajuda a criar leitores na periferia?

Acho, sim. Você divulga eventos, põe um texto lá, o cara lê e comenta. Tenho leitores só de internet, que não compram livro, não vão em palestras, só passam lá, dão uma olhadinha, olham a piada, e olham no site para ler. O importante é que estão lendo.

É o Ferréz mais privado que está escrevendo no blog?

Não, eu queria que fosse um Ferréz mais privado, mas ainda não é. Quando escrevo páginas no diário, guardo. Tem coisas que não dá para comentar no blog, como essas que você está vendo aqui. Qualquer coisa, escrevo um diário, guardo e lanço daqui a alguns anos... uma autobiografia suicida. Mas não dá para colocar na internet, porque é muito forte. Mas tento ser mais eu também, não é personagem, não.

Na Europa, é muito forte a ideia, desenvolvida por Roland Barthes, de "autor morto". Lá, aprendemos a não analisar textos a partir da biografia, trajetória e proveniência do escritor. Parece que com a literatura marginal isso não funciona...

Na literatura marginal, o texto é influenciado diretamente pelo lugar onde você mora. O Gaspar tem a linguagem da quebrada dele. O Brown a dele, o Crônica a dele, todos os caras. O Itaim está 100% ligado com a literatura do Buzo. Sacolinha está ligado com Suzano e eu com o Capão. Não tem como desconectar. A gente até tenta, mas é difícil.

Você foi convidado a participar da Flip. O que achou?

Quem me convidou foi o Site Clube de Autores Independentes. E, bem, foi da hora. Ando lá, posso vender minha literatura na rua e participar,

que também é importante. Agora, acho que também é muito ego, pouca gente com livro na mão. Pouca cara de feira literária, né. Muita gente passeando, tirando foto, comendo bem, bebendo cerveja. Tanto que vendi pouquíssimos livros. E agora fui para Pernambuco e vendi muitos livros. Um evento desse tamanho, sabe, e vendi todos os livros que tinha. Porque as pessoas foram porque realmente gostam de literatura, para comprar literatura, conhecer escritor. Na Flip, achei estranho: vi o Tezza andando, o Tezza, caralho, e as pessoas nem conheciam. Poucas pessoas também me conheciam. Fiquei meio decepcionado. Achei muito para turista ver.

Soube da polêmica porque os organizadores da Flip convidaram mais autores de não-ficção do que de ficção? Tinha gente dizendo a feira deveria destacar a ficção. E foi o Fernando Henrique Cardoso...

O Fernando Henrique Cardoso é cagada...

O Gilberto Freyre foi homenageado...

Eles sempre pegam alguém para chocar. É o Chico Buarque, o Fernando Henrique, muito artista da Globo... Então as pessoas vão lá e dizem: "Olha aquele cara da novela!". Porra, é uma feira de literatura! Esses caras da novela já vão a tudo que é evento! A gente tem que dar graças a Deus que tem uma feira de literatura, mas acho muito Hollywood também. Muito business.

O que você acha da literatura brasileira contemporânea?

Muito boa! Tem autor bom para caramba, que está fazendo carreiras maravilhosas e lançando livros a todo momento.

[Atende à chamada de uma professora que o convida para dar uma palestra numa escola pública.]

Da literatura contemporânea não periférica, quem você lê? Quais são seus autores favoritos?

Ai...

Bernardo Carvalho, Milton Hatoum, Santiago Nazarian?

O Santiago Nazarian é muito bom. Também gosto do Marcelino Freire, leio os contos dele direto, tem um CD que passo sempre, muita gente ouviu o CD dele. E depois, na verdade, só autor marginal, mano. Em Recife tem um, em Minas tem outro. Então leio muito, porque chega na minha mão. Também por causa da minha editora, do Selo Povo. Chegam muitos textos, caras desconhecidos mandam texto de tudo que é lugar. Fui para Recife e encontrei o Miró, que vende coisas na rua, me trombou e aí, porra, fez uma palestra comigo. Também leio muita coisa de música, chega muito CD. É que estou muito na música também, no hip hop. Fora que leio tudo o que tem de quadrinhos. E principalmente os clássicos, agora estou lendo os clássicos.

Fale um pouco sobre o Selo Povo.

A ideia é dar espaço para escritores que não publicam, que têm livro na gaveta. A gente pegou agora *Amazonas em chamas*, da Catia Cernov, um texto de Lima Barreto, Marco Teles... Também estamos fechando um contrato com o Luiz Alberto Mendes, que é um grande autor. Está demorando um pouco, mas a gente quer que os livros saiam bonitos, bem feitos, com qualidade. Como a gente não tem

dinheiro para fazer tudo ao mesmo tempo, vai aos poucos. Mas é uma editora voltada para autores da literatura marginal mesmo.

Você está atuando em muitas frentes, como escritor, editor e até fazendo um filme a partir do Manual prático do ódio...

Não, isso do *Manual prático do ódio* é o seguinte: já tem sete anos que foi comprado para cinema, mas ainda está no roteiro, que filme é caro... Por enquanto é só isso... Não quero mexer com filme, não. É muito trabalhoso e já tenho muito trabalho. Agora quero fazer um CD de recitação, já estou gravando algumas poesias. Também estou gravando um CD de música. Muita atividade, mas gosto também. E onde estou me identificando mesmo é com a literatura.

Como e em que sentido o hip hop influencia sua escrita?

Ah, influi muito, é uma coisa que ouço muito. A linguagem é muito boa, os textos são muito inteligentes. Tem moleque de segunda, terceira série que não conhece texto nenhum e faz uma letra foda. Também comecei a escrever assim, bem oral. Tem texto meu que vem forte do hip hop. Por isso estou fazendo esse trabalho meio recitado, porque não é nem música nem poesia. É para ser recitado, com força.

O espírito hip hop parece inspirar vocês de uma maneira bastante ampla.

A gente bebeu da fonte do hip hop, agora é tempo de devolver. Aí, a gente faz um projeto de grafite, tem a ONG... É muito bom: a gente trabalha dentro da comunidade, não precisa sair. Sai para reunião, mas está aqui dentro. Fico muito feliz de poder fazer uma camisa, uma calça, dou graças por isso todos os dias. Tenho muito carinho por essas

pessoas que atendo aqui na loja. O dinheiro delas é suado, querem parcelar no cartão, não têm o dinheiro todo. Então sempre dou um panfleto, converso, estímulo, falo: “Leve um livro. Se não levar, leia na internet”. A ideia é sempre multiplicar, somos multiplicadores. Por isso a cultura nossa é tão em voga, porque estamos multiplicando.

Você acha que o movimento da literatura periférica conseguiu transformar a periferia?

Conseguiu muita vitória, falar que não é mentira. Tem muito autor escrevendo, no laboratório, tem muito sarau rolando, tem muito livro. Antigamente a gente estava sozinho. Eu por um lado, Buzo pelo outro. Muita coisa já mudou ou está mudando. O cara que faz literatura ou lê um texto da literatura marginal e leva para o sarau, daqui a pouco arruma um emprego melhor, está com a família melhor. Mas isso não é visível aos olhos de todo mundo, não é uma camisa que se põe e sai na rua. A literatura melhora a postura, o jeito de você falar com as pessoas, os conselhos que dá ou recebe, a maneira de criar os filhos, e nada disso é visível. Se olhar bem, você vai perceber que cultura não é visível. Por isso os governos não investem em literatura: porque não é visível.

Ousaria fazer alguma previsão para sua literatura?

O futuro é popstar [risos]. No início, a gente foi muito zoadado. Agora fico muito feliz quando os moleques da favela debatem um texto meu, recitam um para o outro. [Dirigindo-se a um amigo que se encontra na loja:] Ô, Nilson, aquele lugar onde a gente foi cantar que tinha um funk danado, como se chama? Eldorado, né? Tinha um churrasco

lá, a gente ia cantar, aí passa um cara bêbado, negão, caraca, até o Negrodo ficou com medo: “Esse cara tá armado”. Aí falo: “Não, relaxa”. Então o cara diz: “Li um texto seu, você escreveu na *Folha*, é isso mermo, é nós, mano”. Tudo escuro, o cara muito bêbado, então falei: “Isso é louco, mano, o cara recitando literatura na rua”. Às vezes vou dar uma palestra e os caras nem me conhecem. No Eldorado, tive a felicidade de ver o cara falando o meu texto ao vivo – o texto voltou para a rua.

Coisa parecida senti na Galeria do Rock. Eu estava passando e vi um cara distribuindo os meus textos. Um outro pegou e disse: “Esse cara escreve muito, hã?”. Aí olhei e falei: “Esse cara sou eu”. “Você, mano?”. Tenho a felicidade de ver texto meu na rua, grafitado... Acho que é a força da palavra. Tem gente que nem gosta de mim, mas gosta do texto – e isso é o que importa.